



Centralidades urbanas e mercado territorialmente necessário: circuitos espaciais de feiras agroecológicas no Leste Metropolitano Fluminense
Urban centralities and territorially necessary market: spatial circuits of agroecology fairs in the East Metropolitan Fluminense

RIBEIRO, Luis Henrique Leandro

Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ, luis.ribeiro@yahoo.com.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: Analisar a importância de feiras agroecológicas em três municípios do Leste Metropolitano – São Gonçalo (RJ), Maricá (RJ) e Itaboraí (RJ) – na criação de centralidades urbanas populares na metrópole fluminense. Compreendendo o uso de redes e aplicativos digitais, apoio governamental, cooperação estabelecida com agentes e instituições (estatais e não estatais) e as diversas escalas dos processos na constituição de circuitos espaciais locais e de proximidade entre pequenos produtores e consumidores no estabelecimento de mercados territorialmente necessários.

Palavras-chave: centralidades populares; usos do território usado; economia solidária; agroecologia; metrópole fluminense

Introdução

Se já vinha ganhando importância a produção e consumo de alimentos social e ambientalmente justos e saudáveis, com a pandemia da Covid-19, a partir de 2020, essa preocupação tem sido cada vez maior. As medidas de isolamento e distanciamento social aceleraram a digitalização do território, caracterizada pela presença cada vez maior de plataformas e aplicativos na mediação da produção, comercialização e consumo.

No caso das refeições e alimentos, além do aumento na digitalização da produção e comercialização, com a capilaridade cada vez maior de aplicativos de entregas e redes de comercialização, a pandemia da Covid-19 no Brasil também tem repercutido no caso dos alimentos pouco processados, frescos e *in natura* outros processos.

Primeiro, a preocupação com alimentação mais saudável, cada vez maior desde meados dos anos 1980, juntamente à questão ambiental, o que se intensificou bastante recentemente, sobretudo com a epidemia e a maior preocupação com a saúde pessoal e o cuidado de si. Nesse sentido, no contexto urbano fluminense, principalmente na metrópole, a presença e necessidade cada vez maior da agricultura urbana e da transição agroecológica têm se feito presentes.

Ademais, alguns desdobramentos da pandemia no país reforçaram o processo inflacionário dos alimentos, de desabastecimento (que já vinha se intensificando com a política de esvaziamento das centrais de abastecimento



estatais e dos programas e políticas governamentais de apoio à produção e compra da pequena agricultura familiar e de assentamentos) e de aumento da pobreza e da miséria que têm levado cada vez mais dificuldades para acesso e compra de comida pela população.

A pandemia também ressaltou a importância da descentralização do emprego e do consumo, sobretudo em contextos metropolitanos, para amenizar grandes deslocamentos de pessoas e produtos. O que tem reforçado a necessidade de criação de circuitos curtos de produção (aproximando mais diretamente produtores e consumidores finais) e a criação de outras centralidades urbanas no sentido de amenizar a insegurança alimentar e, sobretudo, fortalecer a soberania alimentar.

Objetivamos analisar as feiras agroecológicas em três municípios contíguos do Leste Metropolitano – São Gonçalo, Maricá e Itaboraí – e sua importância na conformação de centralidades populares urbanas na metrópole fluminense. Compreendendo a presença das redes e aplicativos digitais, do apoio governamental (municipal, estadual e federal), da cooperação estabelecida com agentes e instituições (estatais e não estatais) e das diversas escalas dos processos na criação e manutenção dos circuitos locais e de proximidade na produção e comercialização que essas feiras estabelecem entre produtores e consumidores.

Metodologia

Compreendemos *espaço geográfico* como híbrido de materialidades e ações, sistema indissociável de objetos e ações, sinônimo de *território usado* por todos, empresas, instituições, grupos e pessoas (SANTOS, 1994). A *digitalização do território* e sua importância para as políticas públicas e participação social (EGLER, 2013) pode ser lida como fase atual do *meio técnico-científico-informacional* (SANTOS, 1999) com crescente e massiva conectividade dos corpos, ideias, emoções e objetos através de redes, aplicativos, algoritmos e plataformas digitais.

Digitalização de corpos e de coisas que ao racionalizar sistemas de ações e objetos acirra a contradição entre: maior unificação e cooperação (desejada ou não; consciente ou não) da produção por todos; e a extração e concentração desse valor trabalho por alguns. Contudo, a digitalização do território, enquanto par dialético, também supõe a criação, resistência ou permanência de outros usos do território e sentidos na produção e apropriação dessa riqueza, fruto do comum, das solidariedades do espaço banal, do território usado (RIBEIRO, 2023).

Quais os desdobramentos da digitalização no uso do território para a produção e comercialização dos pequenos produtores nas feiras agroecológicas nesses três municípios do leste metropolitano fluminense (São Gonçalo, Maricá e Itaboraí)? De que modo têm se estruturado e realizado os *circuitos da economia urbana*, *circuitos espaciais de produção* e os *círculos de cooperação no espaço* (SANTOS, 1999; CASTILLO e FREDERICO, 2010) nessas feiras agroecológicas? Como têm sido utilizados plataformas, aplicativos e redes digitais nesses circuitos agroecológicos?



Como esses circuitos realizam a agroecologia compreendida como teoria crítica, práticas sociais e movimento social (ALTIERI, 1989; PETERSEN, 2012)? Considerando que agroecologia (do grego *oikos* que significa *lugar, casa*) remete à totalidade da vida em um dado lugar, supondo uma compreensão e perspectiva sistêmicas, um equilíbrio dinâmico da vida, enquanto biodiversidade e sociodiversidade, tecnoesfera e ecosfera em sua indissociabilidade, além das noções de autonomia, ciclo e reciprocidade abarcando da produção à comercialização e consumo, além da promoção e atualização de saberes e heranças agroalimentares (PRIMAVESI, 1997).

Experiências agroecológicas têm favorecido a permanência ou retorno de *circuitos alimentares de proximidade*, geométrica e geográfica, logo *existencial*. Criando e reestabelecendo conexões entre realidades apartadas e divorciadas (produtores e consumidores; território e sociedade; urbano e rural), além de promover canais mais diretos entre produção e consumo, amenizando presença de atravessadores e intermediários, além do “acesso ao mercado justo por parte dos produtores, e por parte dos consumidores, a alimentos mais saudáveis e com maior responsabilidade social” (BRAZ e PEREIRA, 2018, p.127).

Qual a contribuição desses circuitos agroalimentares mais locais e regionais frente aos circuitos alimentares longos (mais financeirizados, capital intensivos, regidos por cadeias globais e com alimentos mais processados e homogeneizados descolados das heranças e identidades dos lugares) na constituição de centralidades urbanas? Centralidades compreendidas enquanto processo dialético e dialógico de centralização-descentralização, comunicação-informação, diversificação-fragmentação, diversidade-seletividade, produção desigual e combinada do espaço urbano, fluxos materiais e imateriais, cotidianos permeados pela vida de relações nas periferias da metrópole fluminense amalgamados pelos usos econômicos, políticos, culturais e sociais do lugar (LEFÈVRE, 2004; SILVA, 2006; RIBEIRO, 2009; LIMONAD e COSTA, 2015; SILVA, 2015; MELARA e SILVA, 2018; ROSA, 2020). Logo, centralidade como possibilidade de produzir e existir, de usos alternativos da cidade e da metrópole, de outras formas de vitalidade urbana.

Resultados e Discussão

A partir de trabalhos de campo realizados nos três municípios selecionados entre 2021 e 2023, foram identificadas três feiras: (i) Feira de Agricultura Familiar de São Gonçalo, na Rua Salvatori, no Centro; (ii) Feira Agroecológica de Itaboraí, itinerante nas Praças Marechal Floriano Peixoto, de Venda das Pedras e em Manilha; e (iii) Feira da Agricultura Familiar de Maricá / Sábado Agroecológico (Praça Emilton Santos, em Araçatiba).

A de São Gonçalo existe desde 2019 e conta com apoio do Iterj (Instituto de Terras do Estado do Rio de Janeiro), Emater-RJ (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Rio de Janeiro), da Prefeitura do município, da Associação dos Assentados da Fazenda Engenho Novo e do Sindicato dos Produtores Rurais.



Já a de Itaboraí, desde 2021, também conta com apoio da Prefeitura de Itaboraí, por meio da Secretaria Municipal de Agricultura (SEMAGRI), cda Emater-RJ e do Governo do Estado.

E em Maricá, a Feira acontece desde 2021, a partir da Unidade Experimental de Agroecologia, localizada no Bairro São José de Imbassaí, loteamento Manu Manuela, criada em 2017, e a Horta Pública Comunitária da Unidade Agroecológica, hoje funcionando na Praça Agroecológica conta com apoio da Prefeitura de Maricá, Universidades, Unidade Agroecológica do Moviednto dos Trabalhdroes Sem Terra (MST) e da Cooperativa de Trabalho em Assessoria a Empresas Sociais em Assentamentos de Reforma Agrária (Cooperar) a partir da Fazenda Pública Municipal Joaquin Piñero, no bairro Espraído.

As Feiras nos três municípios são recentes, criadas nos últimos anos, contam com apoio governamental, sobretudo das Prefeituras, e de outras redes e movimentos sociais. São constituídas por pequenos produtores da agricultura familiar e de assentamentos dos próprios municípios e, em alguns casos, do entorno, estabelecendo circuitos curtos e de proximidade entre produção, circulação e consumo, baseados nos princípios e sentidos da agroecologia.

Ademais, verificou-se que nas feiras, produtores e consumidores utilizam-se bastante de tecnologias de comunicação e informação digitais, plataformas e redes sociais, para divulgação, propaganda, entrega e encomenda de produtos, além de importantes tecnologias na promoção de campanhas de conscientização e cursos de formação.

Conclusões

As Feiras Agroecológicas da Agricultura Familiar do Leste Fluminense (São Gonçalo, Maricá e Itaboraí) podem ser compreendidas como expressões do *mercado territorialmente necessário* (RIBEIRO e ARAÚJO, 2017). Circuitos espaciais curtos e círculos de cooperação e proximidade entre produção, circulação e consumo, coadunando a transição agroecológica, a soberania alimentar e os princípios da *economia solidária* (SINGER, 2002; LAVILLE e GEIGER 2009): cooperação, autonomia, reciprocidade e democracia.

Redes de interação participativas enraizadas no lugar, usando o território como recurso e como abrigo (SANTOS, 1999), uma organização da produção e da circulação de alimentos e saberes cujos sentidos e práticas são distintos da racionalidade estreita, unidimensional e da competitividade do capital.

Agradecimentos

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio financeiro à pesquisa através do Programa de Auxílio Básico à Pesquisa – APQ1 (Edital 26/2021).

Referências bibliográficas



ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA, 1989.

BRAZ, M. I.; PEREIRA, M. C. de B. Circuitos alimentares de proximidade: conceitos, definições e práticas. **Revista de Geografia** (Recife) V. 35, No. 3, 2018, p.117-133.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3). 2010, p.461-474.

EGLER, T. T. C. (org.). **Digitalização do território**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

LAVILLE, Jean-Louis; GEIGER, Luiz Inácio. Economia Solidária (verbetes). Em: **Dicionário internacional da outra economia** / Pedro Hespanha... [et al] . - (CES), Edições Almedina, 2009, 343 p.

LEFÉBVRE, H. (1970). **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LIMONAD, E.; COSTA, H. S. M. Cidades excêntricas ou novas periferias? **Cidades** (Presidente Prudente), v. 12, p. 278-305, 2015.

MELARA, E.; SILVA, W. R. da. Elementos para refletir sobre a policentralidade e a fragmentação urbana em cidades médias – Resende e Volta Redonda (RJ). **Confinos**, Revista franco-brasileira de geografia, N.38, p.1-24, 2018.

PETERSEN, P. Agroecologia em construção: terceira edição em um terceiro contexto. In: ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: AS-PTA, 2012, p. 7-14.

PRIMAVESI, A. M. **Agroecologia: ecosfera, tecnosfera e agroicultura**. São Paulo: Nobel, 1997.

RIBEIRO, A. C. T. Em direção à centralidade popular: exercícios em cartografia da ação. In: **Anais do XIII ENAnpur. Planejamento e gestão do território. Escalas, conflitos e incertezas**, XIII Encontro nacional da ANPUR, Florianópolis, 2009.

RIBEIRO, L. H. L. Digitalização do território e espaço banal: refletindo sobre a emergência de um novo período. In: CASTILHO, R.; CATAIA, M.; SILVA, A. B. (org). **Atualidade do pensamento de Milton Santos: interpretações sobre o território brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2023 (*no prelo*).

RIBEIRO, L. H. L.; ARAÚJO, J. T. Geografia das existências e mercado territorialmente necessário: erveiros e pescadores artesanais na Metrópole Fluminense. **Anais do XV Simpósio Nacional de Geografia Urbana – SIMPURB**. Salvador – BA: 20 a 23 de novembro, 2017.

ROSA, D. P. Heterogeneidade, centralidade e tendências da ida de relações das grandes periferias fluminenses no início do século XXI. Em: CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. da (org). **Brasil, presente!** São Paulo: FFLCH/USP, 2020, pp.371-390.



SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 3ª edição, 1999.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (org.) **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994, p.15-20.

SILVA, O. T. da. A centralidade metropolitana em pedaços: reflexões sobre os novos centros e suas centralidades. **Revista Cidades**, Vol.12, N.20, p.176-205, 2015.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.